

coletânea de contos, crítica e teatro; Sílvio Romero terminava de escrever a *Evolução da Literatura Brasileira* (1905); Santos Dumont realizava o seu primeiro vôo (1906); nascia no Rio o poeta Augusto Frederico Schmidt; Capistrano de Abreu terminava os seus *Capítulos da História Colonial* (1907); em 1908 era publicado *Memorial de Aires*, o último romance de Machado de Assis; em 1910, Rui Barbosa iniciava a Campanha Civilista, era inaugurado o atual prédio da Biblioteca Nacional e proclamava-se a República de Portugal; em 1911 começava a ser publicado, em folhetim, no *Jornal do Commercio*, o famoso romance de Lima Barreto *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, cuja primeira edição em livro sairia em 1915; em 1912 Augusto dos Anjos publicava *Eu e Outras Poesias*; em 1917 era editado, de Manuel Bandeira, *A Cinza das Horas*, seu primeiro livro de poesia, com uma tiragem de apenas duzentos exemplares; em 1921 Rui Barbosa publicava a *Queda do Império* e, em 1922, comemorava-se, com toda solenidade, o Centenário da Independência do Brasil. Nesse mesmo ano a Câmara dos Deputados passou a funcionar, provisoriamente, nos Salões da Biblioteca Nacional, enquanto o Palácio Monroe era ocupado pela Exposição Internacional Comemorativa àquele Centenário.

No início não foi fácil. Com a aposentadoria do Diretor a quem Manuel Cícero vinha suceder – conta o seu biógrafo –, alguns funcionários da Casa se achavam com o direito adquirido de ocupar o cargo. Eram na maioria antigos, julgavam-se experientes, prendados, competentes e nada mais normal que um deles fosse o escolhido para função tão importante. Entretanto, o Governo ia buscar um homem de fora, de longe, talvez inexperiente, que chegava ao Rio de Janeiro com a única credencial de ser um protegido político. Estavam enganados. No seu primeiro dia de Biblioteca Nacional, Manuel Cícero quis conhecer a Casa e um dos “candidatos” o acompanhou, como cicero-ne. Foi contando todos os problemas da instituição, ao mesmo tempo em que lhe mostrava todas as salas e recantos onde os problemas eram maiores. Sublinhou aqueles que pareciam sem solução e, no fim do longo percurso, assim perorou, com ar vitorioso, talvez esperando que o novo diretor, intimidado, desistisse ali mesmo, de assumir o cargo: “*Il faut pour cela être un bon forgeron*” (em francês, para mostrar erudição). Manuel